

FARIAS BRITO, O FILÓSOFO

AIRES DE MONTALBO

Em novembro de 1962 celebrou-se em Fortaleza o centenário de nascimento de RAIMUNDO DE FARIAS BRITO, filósofo cearense, natural de São Bedito, na Serra da Ibiapaba. No Congresso, que foi dos mais brilhantes, sob a égide da Universidade do Ceará, apresentaram-se muitas teses, algumas de real valor, sobre a data comemorada, de que faremos aqui umas leves apreciações.

O sr. Raimundo de Menezes, escritor cearense, radicado em São Paulo, apresentou "Aspectos Humanos de Farias Brito". Esse trabalho tem o mérito, não pequeno, de ser uma síntese. A biografia do Filósofo foi condensada, com mestria, em poucas páginas. E, nessas poucas páginas, Raimundo de Menezes, biógrafo por excelência, soube colocar o que de mais comovente se encontra na vida do autor de "Finalidade do Mundo".

Em FARIAS BRITO o que mais nos comove e alicia não é o filósofo, mas o homem. Um homem reto, simples, sem ambições nem vaidades. Um homem que sabia julgar o efêmero. Pode êle, como filósofo, ser grande, mas como homem, a meu ver, foi maior. Um homem na plena acepção do vocábulo. Um homem "sem história", extremamente simples, despretensioso, de uma grande bondade e retidão. Por isso era simpático e atraente: soube fazer amigos incondicionais. Homem corajoso,

REVISTA DA ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS

quando se tratava de fazer justiça, advogado retilíneo, que a cada um dava o que era seu — *suum cuique*.

Dêle, dêsse homem sem história, desbravador de um campo sáfaro, na sua Pátria e no seu tempo, ainda se ocupação, por muitos anos, os estudiosos das coisas do espírito. Sem pretendê-lo, certamente, deixou um lugar assegurado em seu país, entre os mais bem dotados, os mais argutos e nobres espíritos — *primus inter pares*, até que seja excedido por uma cerebração maior.

O seu papel, dentro do campo filosófico, foi magistralmente assinalado por Leonel Franca, que leu e conheceu sua obra perfeitamente. Apesar de reconhecer, mais de uma vez, que FARIAS BRITO era um pensador autêntico, achava, contudo, o autor da "Crise do Mundo Moderno", que se lhe devia assinalar sobretudo o papel de historiador da Filosofia. Não um historiador profissional, mas em função mesmo de sua crítica aos sistemas, que percorria.

Note-se que inúmeras idéias de FARIAS BRITO tiveram de ser refutadas e rejeitadas pelo ilustre pensador jesuíta. O panpsiquismo, que pervade a obra do filósofo cearense, pôs-lhe muita coisa a perder, como veremos ainda.

Sobre êste assunto — A história da filosofia na obra de FARIAS BRITO — falou, durante o Congresso, o sr. Carlos Lopes de Matos. Numa comunicação curta, sintética, mas sensata e justa, o autor assinala a posição de FARIAS BRITO como filósofo. Foi grande o interêsse que FARIAS BRITO reservou à história do pensamento moderno, muitas vêzes por êle criticado argutamente. É certo que não o desarticulava da filosofia antiga: de fato não há filosofia estanque, cada sistema tem uma ligação ideológica com outro antecedente, cujas idéias aproveitada e evolue num sentido construtivo. Assim, tôda corrente filosófica tem nexos entre si. Às vêzes, a única diferença está na nomenclatura. Lembrem-se, neste passo, Santo Tomás e Aristóteles, Plotino e Platão, Pascal e Epicteto.

Não sabemos se FARIAS BRITO possuiria algum arraigado conhecimento da Filosofia Medieval, riquíssima em todo caso, ou dos filósofos, árabes sobretudo, refutados por Tomás de Aquino. É certo que não foi profundo na Escolástica, cuja me-

REVISTA DA ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS

tafísica o teria desviado de vários parcéis e báratros em que se veio a meter. Se tivesse conhecido, não de oitiva, mas realmente e com profundidade, a “Suma Teológica”, Aristóteles, Plotino e Santo Agostinho, outra seria, com certeza, a coloração de suas idéias e outro o êxito de seu pensamento.

Sôbre o espiritualismo de FARIAS BRITO falou o prof. Miguel Herrera Figueroa. Tese bem lançada, percuciente e justa. Linguagem límpida e sonora.

FARIAS BRITO foi, não se pode negar, um denodado espiritualista em suas idéias e intenções filosóficas. A metafísica, para êle, começa onde termina a crítica do conhecimento, ou seja, a epistemologia. É um poeta com vãos metafísicos em prosa. A poesia nasce da essência mesma da natureza, que é um poema eterno. Para êle a poesia é o prisma luminoso e fantástico, mescla de coração e imaginação, de pensamento e de sonho, por onde contemplamos o mundo. Para FARIAS BRITO a filosofia é um princípio gerador de conhecimento. Sua meditação se baseia sôbre o fim último das coisas. Pugnava pelo primado do espiritual, antes mesmo de Maritain. Um espiritualista que, como filósofo, combateu, insistentemente, o pragmatismo e o materialismo dos que tudo reduzem a sensações e a emanações do cérebro, como queria Moleschot.

E não era um católico: era mesmo um homem que tendia para o ateísmo e para o budismo, por mais paradoxal que isso pareça.

“O Problema Religioso em Farias Brito” foi apreciado, durante êste 4.º Congresso Nacional de Filosofia, por Gina Magnavita Galeffi, da Universidade da Bahia.

Lendo as últimas obras de FARIAS BRITO, vemos, sem esforço, que êle foi um angustiado com o problema religioso. Preocupou-o, sobretudo, o problema do destino, do fim inelutável das coisas.

Em religião era um enigma. Parecia o mais piedoso dos homens e, no entanto, a sua fé era falha em muitos pontos. Tinha uma tendência religiosa profunda, mas nunca encontrou uma religião que, plenamente, o satisfizesse. Pode-se afirmar que, em religião, era eclético. Predisse a morte das religiões, mas achava que a Religião, em si, é imortal: é algo de

essencial ao homem. Faltou-lhe, com certeza, uma base religiosa mais profunda, mais fulcrada de provas racionais. Para êle a religião e a filosofia quase se confundem. Eis por que examina a origem religiosa de vários sistemas filosóficos e se encontra, por fim, na estaca zero. Deve ter sido angustioso para êle, homem visceralmente bom e religioso no fundo. Em dado momento chegou mesmo ao nihilismo. (Cfr. "Fin. do Mundo", 124.)

No último livro, debatendo-se ainda nesta pugna incerta, êle evoluiu um tanto, mas não chegou nunca a uma conclusão final. Se algo creu, foi por instinto religioso. A sua conclusão, motivada por um sonho: "Deus é a luz", é suspeita de panteísmo. Chega a ser quase ingênuo e primário na apreciação do medíocre livro — "Nova Luz Sôbre o Passado", de A. Sergipe. Chegou a acreditar numa suposta raça astral, ingenuidade que nos deixa perplexos. Escusemo-lo: afinal era um gênio desvairado neste ponto. Por demais escreveu sôbre religião, mas nada disse que possamos subscrever de alma plena. A religião nova que preconiza supõe a inaptidão de tôdas as existentes. Não sabemos por que FARIAS BRITO nunca se desligou dêsse ceticismo, que lhe impediu uma crença serena e profunda.

O que diz a autora da tese nas páginas 12 e 13 com respeito ao Concílio atual Vaticano 2.^o é inaceitável, pois êste não prevê uma *fusão* de religiões e unificação de igrejas díspares, de modo a ressurgir um espírito nôvo — o espírito cristão. O que o Papa João XXIII intenta é a volta dos ramos separados ao antigo tronco e um maior entendimento entre os batizados. Não se trata de *fusão* de crenças, nem de sacrificar dogmas intangíveis. A questão é muito outra.

Ninguém espera saia dêste Concílio uma religião unificada na retorta.

Não há dúvida de que uma das teses mais lúcidas e compreensivas de todo o Congresso foi a que expôs Miguel Reale, intitulada "Lei e Direito na Concepção de FARIAS BRITO".

O trabalho do ilustre Presidente do Instituto Brasileiro de Filosofia foi uma síntese magnífica do pensamento britiano no campo da Jurisprudência, em que vemos o filósofo cearen-

se sempre coerente consigo mesmo, apesar de tôdas as limitações que lhe possamos fazer.

A tese do dr. Miguel Reale, muito bem feita, bem pensada e deduzida, vem exarada numa linguagem digna do assunto que aborda.

Segundo Reale, tinha FARIAS BRITO uma ampla capacidade de captação objetiva dos sistemas e o toque de simpatia tão necessário à compreensão das idéias alheias. Afirma não faltarem ao filósofo cearense intuições criadoras e aproximações de idéias originais, à primeira vista desconcertantes, mas ricas de problemas e de fecundas perplexidades.

A quem quer que cultive a filosofia em sua problemática, diz êle, a obra de FARIAS BRITO não pode deixar de parecer uma experiência filosófica intensamente vivida, e acabará admirando mais ao filósofo do que à sua filosofia.

A seguir entra na discussão da tese. É visível a sua benevolência e compreensão para com o autor estudado, cujas idéias jurídicas não endossa, mas apresenta de modo claro, vivo e humano. Acha que FARIAS BRITO, até quando parece repetir concepções vigentes na Jurisprudência de seu tempo, aduz algumas achegas, neste campo, densas de problemas universais e de perguntas que iriam constituir, no futuro, alguns dos temas centrais de nossa época.

É certo que, perante a Escolástica, as idéias de FARIAS BRITO sôbre Lei e Direito não são aceitáveis, pelo menos sem fundas distinções. Pois FARIAS BRITO nega a possibilidade de conceituar-se o "direito", que pertence a um tipo de realidade *in fieri*, sujeita a mutações constantes. Idéias, ou conceitos meramente subjetivos, êsses. Hauridos de intuições filosóficas, variam de época para época, segundo êle, com os sistemas que os engendraram. Ora, tal afirmação carece de verdade, pois a noção de "lei" e de "direito" não pode ser assim tão subjetiva mas transcende o mundo instável dos sistemas.

A tese do dr. Miguel Reale denuncia um filósofo autêntico e que conhece a fundo a obra filosófica do pensador cearense.

Certamente, a tese mais bem formulada de todo o Congresso foi a de Alcântara Nogueira, que se intitula: "Diversi-

dade e Unidade do Pensamento Filosófico de Farias Brito".

O autor trata, com proficiência, um tema conhecido seu, pois já se dera ao trabalho de escrever um volume (que não conhecemos) intitulado "Farias Brito e a Filosofia do Espírito". Em sua tese bem concatenada e sólida, vemos as idéias mestras de FARIAS BRITO, em sua seqüência íntima e em suas contradições forçadas.

A filosofia dá como resultado a Moral, do mesmo modo que, teoricamente, ela é uma ciência. A filosofia é força, que leva à ação, é paixão do conhecimento, enquanto que a Religião é a moral organizada. O autor discorre sobre o conceito de filosofia pré-científica e supercientífica, explicando essa terminologia de FARIAS BRITO. A primeira é a atividade, que antecede à ciência; a segunda é a atividade que parte da ciência e busca o verdadeiro sentido da existência, implantando as bases de uma concepção do Universo. Corresponde à Metafísica de Aristóteles. O conhecimento *in fieri* é a filosofia pré-científica; o conhecimento *in facto esse*, ou realizado, é a filosofia supercientífica.

FARIAS BRITO não tem um conceito estático de filosofia, mas em perpétua evolução, ou progresso. Nem a verdade, segundo êle, tem valor definitivo, mas se renova sempre com novos conteúdos. É a relatividade do conhecimento. Daí o caráter variável e incerto das construções filosóficas, que tendem, necessariamente, a ser substituídas por outras, que mais e mais se aproximem da verdade. (Cfr "Fin. do Mundo", I, 1a. p., VIII, 99.)

Para FARIAS BRITO o conhecimento não esgota jamais a realidade; daí o seu estado de permanente evolução. Um tanto paradoxalmente êle estatui que a ciência é um produto da Filosofia e, por sua vez, é condição da Filosofia — fator essencial na obra do pensamento. Isso porque nenhuma intuição do mundo é admissível, nenhuma concepção do todo é viável, se não está rigorosamente de acôrdo com o que já foi verificado e aprovado. A ciência deve servir de base ao monumento filosófico. Donde se vê que a filosofia supõe a ciência. Por isso, conclui FARIAS BRITO, não pode imaginar-se uma concepção filosófica séria que não tenha por baixo uma síntese do resul-

REVISTA DA ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS

tado geral das ciências. Essa necessidade inelutável de união entre filosofia e ciência radica em Spencer, diz A. Nogueira. E é certo.

Como conclusões de sua tese, Alcântara Nogueira estatui as seguintes:

1) Em FARIAS BRITO a Filosofia possui um caráter de universalidade e ilimitação em face do conhecimento.

2) Que em FARIAS BRITO as áreas do conhecimento, suposta a ciência, se dicotomizam assim: em primeiro lugar, indagação do espírito para alcançar um estado definitivo, feito, ou realizado; em segundo lugar, um resto ilimitado, objeto das cogitações superiores do espírito e que teria outra significação cognoscitiva...

3) Que há uma necessidade imprescindível para o espírito de apelar para a ciência, ou para uma síntese geral das ciências como fulcro dos sistemas filosóficos.

4) Que a filosofia e a ciência são dois imensos ramos, que se exigem e se completam, indissolúvelmente, na formação de todo o saber humano.

A seguir vem a tese do sr. Pedro R. David — “Ação Filosófica e Social em Farias Brito”. Este acreditava, piamente, na reforma da sociedade, mediante a filosofia. Só pela filosofia podem ser resolvidas as dificuldades da civilização contemporânea, diz êle na “Finalidade do Mundo”, V, pág. 48.

Ora, esta crença, embora forrada por certo moralismo, não deixa de ser platônica e utópica. O mundo egoísta e moralmente desfibrado, como o vemos, não melhorará, é certo, por força de filosofias. Muito mais do que a filosofia, concorre para a reforma ou melhoria dos povos a religião, máxime a moral cristã. A prova disto está em que, quanto mais se discute e se filosofa, em todos os campos, mais as coisas pioram no mundo em que vivemos. Cremos, com mais fundamento, que a desejada reforma virá da Religião vivida e da Ética aplicada aos atos de cada indivíduo. Os princípios de reforma do mundo estão no Evangelho. É só levá-los à *praxis* cotidiana e às relações dos indivíduos e dos povos. Só mesmo um sonhador utópico, de todo fora da realidade, pode acreditar na reforma do mundo, provinda de abstratas discussões filosóficas.

REVISTA DA ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS

Nem tudo se pode abordar, *ex-professo*, numa obra filosófica; mas o conceito de arte, que tem afinidade com certos temas morais ou metafísicos, aqui e além preocupa êsses autores e reponta em suas obras.

No Congresso, de que vimos tratando, o sr. Jorge de Montalvão expôs a tese "A Arte em Farias Brito". Se alguém, no Brasil, afirma o autor, merece o nome de filósofo, êsse é FARIAS BRITO. Sua obra é pouco conhecida, apesar da auréola de admiração criada em tórno de seu nome ilustre.

Para FARIAS BRITO o Romance é a forma destinada a substituir o verso; aliás, segundo Jules Verest, é a forma moderna da Epopéia. Neste ponto FARIAS BRITO viu longe. E note-se que o filósofo cearense não confunde poesia com verso, ou prosa escandida, como é mais comum hoje. Era, por contraste, um grande poeta, nas idéias, mas verzejador infra-mediocre, quando tentava o gênero poesia, simplesmente.

Se a filosofia, segundo êle, é o que nos falta ainda saber, a poesia é a antecipação emocional do que nos falta ainda obter para completa satisfação de nossos anseios. Ao contrário de Schopenhauer, FARIAS BRITO é otimista em tudo: luta por um mundo melhor do que aquêle em que vive. A poesia é, conforme pensa, a antítese da realidade e conduz ao idealismo. Ela é um meio de compensar o espírito humano do desequilíbrio provocado pelas emoções em luta. Será, provavelmente, no futuro, o substitutivo da religião. Nesse ponto é utópico.

Note-se que FARIAS BRITO sonha com um mundo ideal de justiça e de harmonia imperturbável, baseado numa religião nova e no direito. Não busquemos, nêle, um tratado de estética, mas é certo que a missão da arte, como tal, o preocupa: a arte, cujo objeto é o prazer desinteressado, o belo em si. Suas idéias sôbre arte estão disseminadas em seus livros. Sua maneira de conceber a teoria artística é de todo original e pode alimentar a discussão dêsse problema atualíssimo.

Podemos incluí-lo, sem favor, entre os que defendem a pureza da arte e a *revanche* do idealismo contra o abastardamento da criação artística desviada de seus fins específicos. E o autor fecha o seu trabalho com esta frase lapidar do Filósofo: "O homem tem necessidade de completar o quadro do-

REVISTA DA ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS

ioso e terrível da realidade pela concepção harmoniosa de um mundo ideal." A realidade o aterra; é preciso entrever a possibilidade de um mundo melhor. Tal é, precisamente, a missão da Poesia na terra. (Cfr. "Fin. do Mundo", I, 127.)

Com um estilo inteiriço, de páginas compactas, sem alíneas, vai o sr. Cavalcanti Filho assinalando o tom polêmico que, não obstante o seu temperamento esquivo e tímido, FARIAS BRITO soube imprimir às suas teses.

Como Scheler, diz êle, o polêmico em FARIAS BRITO não é mais do que o homem que toma oportunidade para contrastar as próprias idéias e ajuizar do valor dos princípios que adota.

Assinala a falta de continuidade no desenvolvimento de suas idéias, sobretudo quando a preocupação polêmica o arrasta para longe. Às vêzes já não pode voltar ao ponto de partida, tão longe se desgarrou. Perdeu o fio.

Nem sempre é possível estabelecer estrita coerência na linha do seu pensamento. Há, nêle, contradições que chocam e discordâncias que comprometem a harmonia do edifício intelectual que pretendia erguer.

Tais discrepâncias, entretanto, não atingem o essencial, o cerne do seu pensamento, que continua em marcha através da obra produzida.

FARIAS BRITO era um homem sumamente impressionado com o problema da existência. É a tragédia da existência que conduz o homem a filosofar. A morte é a única realidade indiscutível. A morte tudo explica na existência. A vida, no fundo, é uma tragédia. Filosofar é aprender a morrer, como dizia Sócrates. A morte é, portanto, a verdade suprema. Essa não se contestará nunca. A raiz da filosofia se fixa, assim, no âmbito da existência. Ser ou não ser, eis a questão. Nisso precedeu Albert Camus.

FARIAS BRITO não cria muito na multiplicidade dos sistemas; mas sobretudo na preocupação pela verdade. Para êle, filosofar é tentar a descoberta da verdade. Não era um cético: acreditava na existência da verdade.

A sua tendência filosófica é de feição claramente anti-sistemática e se afasta, cada vez mais, das conclusões puramente abstratas. Alguns críticos notam, no autor cearense,

REVISTA DA ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS

uma certa incoerência de princípios. Não seria ela mais aparente do que real? É certo que o autor evolui, sensivelmente, através da obra, mas as suas idéias mestras não se reformam, embora se esclareçam.

É difícil a um autor, mesmo dentro da *philosophia perennis*, ser sempre igual a si mesmo até o fim. O homem amadurece pensando, e muda.

A Moral foi sempre considerada por FARIAS BRITO o momento fundamental de sua filosofia. A liberdade, diz o filósofo cearense, é fato decisivo que marca a separação absoluta entre o espírito e a matéria. Nos fenômenos da matéria domina a mais absoluta *necessidade*, o mais inflexível determinismo; nos fenômenos do espírito o princípio que se deve reconhecer como lei primordial e que tudo domina é a liberdade. (Cfr. "Mundo Interior", I, 4.)

É profundo o abismo entre a filosofia e a ciência. A primeira, como expressão do espírito, se traduz em liberdade, que é impulso criador, manifestação da vida — criação. A ciência, ao contrário, se desenvolve no plano do mais rigoroso determinismo. Não há determinação para o espírito.

Falar em Filosofia científica é uma contradição *in terminis*. E FARIAS BRITO se mostra desusadamente duro com os fatores de uma filosofia dessa espécie — "filosofia de contrabando". (Cfr. "A Base Física do Espírito", XII, 25.)

É claro que não endossamos, de modo algum, essa convicção do Filósofo.

Segundo o seu sistema, toda filosofia é esforço pela Moral. Para FARIAS BRITO a Moral é o fim da Filosofia.

Era, como sabemos, um espiritualista *sui generis*. A espiritualidade é a mola fundamental de sua obra complexa. Para filosofar, o espírito tem que volver-se para si mesmo, ao invés de se cansar em abstrações estéreis. Há muita analogia entre a filosofia e a poesia, pois ambas nascem das mesmas fontes ocultas do espírito. (Cfr. "Fin. do Mundo", I, 7.) O espírito é a única orientação viável para a inquirição filosófica. Só pela atividade espiritual se poderá construir, definitivamente, o eterno sonho do espírito humano a que Leibnitz chamou de *Philosophia perennis*.

REVISTA DA ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS

Antes de tudo o homem deve conhecer-se a si mesmo: *Nosce te ipsum*.

Segundo FARIAS BRITO, quando a criança nasce, o que primeiro deve conhecer e sentir é a própria existência, se é que já não tem êsse conhecimento no ventre materno. (Cfr. "Fin. do Mundo", 2, 1.) É óbvio que FARIAS BRITO diz isso como uma mera conjectura, *ex absurdo*; do contrário, não tem sentido, pugna com o bom senso.

Mas voltemos ainda a FARIAS BRITO, moralista.

A liberdade, afirma êle, está condicionada pelo conhecimento — o que importa em dizer que a filosofia impõe e dilata a auto-afirmação do homem. Ela é fonte de liberdade como dimensão essencial do espírito. Liberdade, neste caso, não é uma opção voluntária, mas consciência da ação. Esta consciência tanto mais cresce quanto maiores são os conhecimentos do homem.

Não basta um conhecimento de si mesmo: é mister que o homem conheça a natureza, onde a sua atividade se exerce.

Assim, em FARIAS BRITO, da noção de conhecimento resulta o conceito de liberdade. É pelo conhecimento que o homem se torna livre. É da filosofia, segundo êle, que nasce a liberdade e, com esta, o direito, que outra coisa não é senão o organismo subjetivo da liberdade. (Cfr. "A Verdade Como Regra das Ações", I, 13.) E mais adiante: é da noção do conhecimento que se infere o conceito de liberdade. Aqui errou, o filósofo, pois, conforme a sua teoria, um homem rude, só por ser rude, não seria livre, o que é absurdo. É certo que a liberdade radica na inteligência e na vontade. Só o ser intelectual é livre; o conhecimento não importa para isso.

Queremos, por último, dizer uma palavra sôbre as teses do sr. Ivan Lins, intituladas: "Com as Transformações da Mentalidade Humana Desaparecerá, um Dia, do Cenário Social, a Religião?" e "O Positivismo como Religião e Alguns Aspectos de sua Atuação no Brasil".

É claro que Ivan Lins está pela derrocada da religião. E não se recorda que Nietzsche, há quase um século, predizia o mesmo. "Meus amigos, Deus é morto!" Assim falou Zarathustra. E êsse Deus morto continua vivíssimo e, pior ainda, in-

REVISTA DA ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS

quietando muita gente, que gostaria de dormir na inconsciência bovina dos instintos saciados e felizes...

É visível o entusiasmo de Ivan Lins por Comte, que era um visionário, um sonhador, talvez um tanto desequilibrado. A lei dos três estados é uma quimera. A substituição de Deus pela humanidade vicia o seu sistema profunda e irremediavelmente. Clotilde de Vaux é ridícula aos olhos do bom-senso, quando se aprecia, a frio, essa eclética religião da humanidade.

Creemos que o Positivismo, como doutrina, está ultrapassado para sempre. Felizmente. Foi um enorme equívoco religioso o positivismo. Tôda religião, sem fundamento teológico, tende a desaparecer com o tempo. O positivismo passou como um meteoro. Morreu com a segunda geração.

Em vão se evoca o fato de o Positivismo ter produzido homens dignos, *per accidens*, como é o caso de Miguel de Lemos, Teixeira Mendes, Borges de Medeiros e outros. O elogio do P. Lecourieux, aduzido pelo autor da tese, em favor do positivismo, nada prova; apenas que se tratava de homens probos, apesar de positivistas. Como argumentação, a tese do sr. Lins é fragílissima.

"Deus é uma abstração mental" — teria dito Getúlio Vargas, no Parlamento, em 1958. Que autoridade! Nunca no Parlamento brasileiro, até êsse dia, se proferira sandice tamanha. A glória de tal dito, tão ao sabor do Conselheiro Acácio, coube a Getúlio Vargas. Que pena! Teria sido muito melhor ao sr. Ivan Lins se tivesse deixado a dormir, no pó do esquecimento, nos Anais do Congresso, essa absurdíssima afirmação do estancieiro de São Borja...

A tese é preconcebida. Com o progresso da ciência, a Religião, ou as religiões vão desaparecer. Que coisa magnífica! O mundo afinal liberto da religião! Exultai, homens da terra, a religião vai desaparecer! Isso depende do progresso da ciência. Quando se dará isso? O sr. Lins não o diz. Um dia...

Ora, a religião é uma exigência ínsita e fundamental da natureza humana. Só desaparecerá da terra com o último homem. Pode esfacelar-se o positivismo, que não chega a ser uma religião, cujos fundamentos são humanos e precaríssimos. Não assim a Religião, no seu verdadeiro conceito de exigência da

REVISTA DA ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS

alma ligando o homem a Deus. Essa não se extinguirá nunca!

Creemos que o sr. Ivan Lins, como positivista convicto, é quase um ateu prático. Pelo menos um homem sem credo definido (o positivismo não tem credo), talvez um agnóstico, dêsses para quem tôdas as religiões são boas para os outros. Daí a posição inaceitável da tese que defende. A elaboração, porém, quanto à linguagem, é clara e precisa, própria de um homem que domina, perfeitamente, o idioma.

Aqui estão, em síntese, as teses apresentadas ao 4.º Congresso Nacional de Filosofia, realizado no Ceará, em 1962, numa homenagem póstuma a FARIAS BRITO e que constituiu um supremo ato de justiça. Homenagem condigna a um homem que foi um verdadeiro exemplo de tenacidade e de trabalho anônimo, que, de retirante da sêca de 1888, flagelado e pobre, estudando com as maiores dificuldades, se tornou, ainda assim, um vulto preeminente, entre os homens cultos do seu tempo, e expoente máximo de um povo que o admira e ama.

A sua estátua lá está, numa praça pública de Fortaleza, ostentando aos que passam, indiferentes, o valor de um homem do povo. Nunca em tal pensou aquêlo jovenzinho, esquivo e tímido, que assistia às aulas do Liceu, à noite.

Mas o homem fêz-se pelo esforço. Foi um pensador, um filósofo na melhor acepção da palavra e constituirá, para sempre, o mais legítimo orgulho desta terra. — a terra da luz.